

DISCURSOS MACHISTAS E HOMOFÓBICOS E SUAS REPERCUSSÕES NAS REDES SOCIAIS

MACHINERY AND HOMOPHOBIC SPEECHES AND THEIR REPERCUSSIONS IN SOCIAL NETWORKS

Leiliane Nogueira Santiago¹

Vicente de Lima-Neto²

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar os discursos de resistência repercutidos nas redes sociais a partir de posicionamentos machistas e homofóbicos presentes nas práticas sociais. Para isso, foram coletados oito textos (notícia, comentários e anúncios publicitários), divulgados no Facebook, acerca da temática do “turismo sexual” no país. Com o propósito de alcançar esse objetivo, o estudo se apoia em uma investigação de natureza qualitativa com o propósito de compreender os posicionamentos adotados diante desse tema polêmico disseminado por algumas mídias recentemente no país. O aporte teórico está baseado nas contribuições da Análise de Discurso Crítica, através das colaborações de Fairclough (2001, 2003), Ramalho e Resende (2006), Vieira e Macedo (2018) e Bessa e Sato (2018). Ademais, a compreensão do conceito de ideologia está fundamentada nas postulações teóricas de Thompson (2011). Em suma, foi possível inferir, a partir de discursos discriminatórios, disseminados constantemente nas práticas sociais, e por distintos agentes, que as redes sociais são veículos de resistência dos sujeitos cujos intuítos apontam para mudanças sociais, pelo fato delas veicularem a contestação de discursos que pretendem estabelecer e sustentar relações de dominação na sociedade.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica; discursos machistas e homofóbicos; redes sociais.

Abstract: This research aims to analyze the macho and homophobic discourses present in social practices through their repercussion in social networks. To that end, posts were collected from eight texts, corresponding to the news, comments and publicity advertisements posted on Facebook by its users about the theme of "sex tourism" in the country. In order to achieve this goal, we carried out an investigation of a qualitative nature, in which we sought to understand the positions adopted in view of the controversial theme disseminated by some media recently in the country. As a theoretical contribution, we use the contributions of Critical Discourse Analysis through the contributions of Fairclough (2003), Ramalho and Resende (2006), Vieira and Macedo (2018) and Bessa and Sato (2018). In understanding the concept of ideology, we use the theoretical postulations of Thompson (2011). On the importance of social networks in teaching, we use some considerations of Recuero (2016) and Gomes (2016). In short, we infer that, from discriminatory discourses, constantly disseminated in social practices, and by different agents, social networks become vehicles of resistance of the subjects that aim at social changes, by the fact of contesting discourses that intend to establish and sustain relations of domination in society. Considering the critical action of the subjects in these digital environments, we can propose the social networks and the texts shared and discussed in them as important pedagogical contributions to the teaching.

Keywords: Critical Discourse Analysis, sexist and homophobic discourses, social networks

Considerações iniciais

Os sites de redes sociais, há pelo menos uma década, têm tido, nas sociedades grafocêntricas, profunda importância na disseminação de informações que circulam cotidianamente através de variados canais de comunicação proporcionados pelas mídias digitais. Por conta disso, elas têm sido um propulsor tanto da banalização do jornalismo, a partir do espraiamento de *fake news* em todo o mundo, quanto do poder de organização de determinadas parcelas da sociedade que assumem discursos de resistência frente às tentativas de naturalizar discursos ditos hegemônicos – veja-se a Primavera Árabe, em 2011, ou a onda

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) - UERN/UFERSA/IFRN. Membro do grupo do Grupo de Pesquisa Linguagens e Internet - GLINET.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Docente do curso de Letras/Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) - UERN/UFERSA/IFRN. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagens e Internet – GLINET.

de protestos de 2013, 2015 e 2016 no Brasil, fenômenos de grande clamor popular organizados sobretudo nos sites de redes sociais.

Esses acontecimentos se pautaram a partir de textos diferenciados, que eram compartilhados à exaustão por usuários da internet, e demandavam diferentes habilidades e competências daqueles que ali se envolviam. Dessa maneira, as redes sociais, por propagarem tais textos, estimulam novas formas de construção de conhecimento e também a exigência de novos letramentos (GOMES, 2016).

Nessa esteira, é preciso compreender que, como espaços públicos, as redes sociais são fontes de discursos que são replicados e legitimados nesse meio (RECUERO, 2016). Portanto, essa é mais uma forma de aprendizagem, pois, no papel de usuário, o cidadão deve analisar e perceber como tais discursos são construídos, como reproduzem relações de poder, concepções ideológicas e hegemônicas ou não hegemônicas diante do contexto social em que esses sujeitos estão imersos. Assim, os discursos de resistência repercutidos nas redes sociais a partir de posicionamentos machistas e homofóbicos presentes nas práticas sociais.

Para alcançar esse objetivo, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual, a partir de oito textos postados no Facebook, propomos uma análise desses textos e dos discursos que deles emanam no que concerne à temática do “turismo sexual” no Brasil. Como embasamento teórico concernente à pesquisa, utilizamos fundamentalmente os pressupostos da Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001, 2003), através ideia principal de discurso como momento da prática social, e por meio do estudo do discurso por meio de seus significados acionais, representacionais e identificacionais (FAIRCLOUGH, 2003). Em um segundo momento, abordamos a concepção de ideologia, segundo Thompson, discorrendo sobre os modos como a ideologia pode operar dentro das relações de dominação. Esses são os principais fundamentos teóricos em que se apoiam as categorias de análise do *corpus* da pesquisa.

Em suma, a presente pesquisa delinea o estudo dos discursos a partir do uso cotidiano das conversações em rede, das quais os usuários não são somente receptores, mas também produtores de textos que revelam seus posicionamentos diante das relações sociais, inclusive assumindo posturas de contestação frente a determinadas relações de poder estabelecidas.

Discurso e prática social: a Análise de Discurso Crítica em foco

A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), que se consolidou como uma rede de estudos desde 1990, busca investigar aspectos linguísticos-discursivos que permeiam as práticas sociais. Dessa maneira, essa proposta faz uma conexão entre os estudos da linguagem e as ciências sociais, oferecendo tanto uma teoria quanto um método que analise o uso da linguagem mediante as relações de poder na sociedade (VIEIRA; MACEDO, 2018). Para esses autores, a ADC objetiva revelar, através dos diferentes discursos, diversas formas de discriminação e de manutenção de poder manifestadas de maneiras veladas

ou não, a partir da compreensão dos textos e de seu contexto social. Em síntese “a ADC almeja investigar criticamente, como assimetrias são expressas, sinalizadas, constituídas, legitimadas, naturalizadas e mantidas, por algum tempo, pelo discurso” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p.50).

Com esses propósitos, a ADC favorece, portanto, a formação de sujeitos mais críticos e ativos nas relações sociais, evitando uma postura de passividade, uma vez que se tornam cidadãos mais esclarecidos e, conseqüentemente, mais resistentes aos processos de dominação estabelecidos socialmente pelos discursos (VIEIRA; MACEDO, 2018). Para se referir ao social, é necessário considerar o discurso, segundo Fairclough (2003), como um dos momentos da prática social, considerando que tais práticas sociais constituem um elo entre as estruturas sociais e os eventos sociais. Em outras palavras, elas estabelecem relação entre as entidades abstratas mais amplas, que são as estruturas sociais, e os eventos sociais, representando os acontecimentos mais específicos e concretos da vida social, nos quais os textos podem ser produzidos.

Segundo Fairclough (2003), esses eventos sociais não apresentam uma relação simples nem direta com as estruturas sociais, pois as práticas sociais são entidades intermediárias que estabelecem a ligação entre esses aspectos. “Práticas sociais podem ser pensadas como formas de controle na seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras, bem como a retenção dessas seleções ao longo do tempo, em áreas específicas da vida social” (FAIRCLOUGH, 2003, p.23, tradução nossa)³. De outra forma, elas articulam diversificados elementos sociais em setores específicos da vida social. Essas práticas encontram-se interligadas e mudam ao longo do tempo, como é exemplificado por Fairclough (2003) ao mencionar a ligação em rede que há entre as práticas de ensino e as práticas de gestão, uma mudança nas práticas de gestão podem ocasionar uma transformação nas práticas de ensino.

No domínio da linguagem, Fairclough (2003) faz a correspondência entre as estruturas sociais e as línguas; as práticas sociais e as ordens do discurso; os eventos sociais e os textos. Nessa perspectiva, os textos não são unicamente resultado da língua, visto que dependem, dentre outros fatores, dos aspectos linguísticos das práticas sociais, denominadas por Fairclough (2003) de ordens do discurso. “Uma ordem do discurso é uma rede de práticas sociais em seu aspecto linguístico. Os elementos das ordens do discurso não são coisas como substantivos e sentenças (elementos da linguagem estruturas), mas discursos, gêneros e estilos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24, tradução nossa)⁴. Esses elementos fazem uma seleção e um controle da variabilidade linguística em cada setor particular da vida social, ao passo que vão selecionando, dentro das possibilidades da língua, o que deve ser utilizado e o que deve ser excluído em cada contexto. Por isso, “ordens de discurso podem ser vistas como a organização social e controle da variação linguística” (FAIRCLOUGH, 2003, p.37, tradução nossa)⁵. Conforme esse autor, entre as

³ Social practices can be thought of as ways of controlling the selection of certain structural possibilities and the exclusion of others, and the retention of these selections over time, in particular areas of social life.

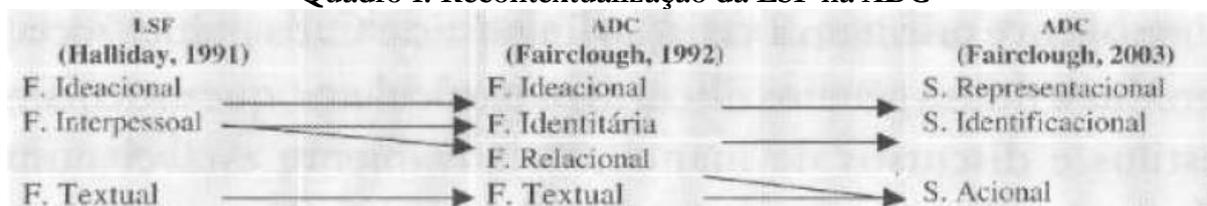
⁴ An order of discourse is a network of social practices in its language aspect. The elements of orders of discourse are not things like nouns and sentences (elements of linguistic structures), but discourses, genres and styles

⁵ orders of discourse – the language aspects of social practices in which language variation is socially controlled.

estruturas abstratas e os eventos concretos, a linguagem está intrinsecamente ligada a elementos sociais. Por isso, as práticas sociais abrangem as relações sociais, as pessoas com suas crenças e atitudes, o mundo material e o discurso.

Nessa esteira, Fairclough (2003) aborda o discurso como elemento das práticas sociais e, apoiando-se também nas macrofunções da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) (Cf. quadro 1), afirma que o discurso figura de três formas na prática social, como: gêneros, discursos e estilos. Os gêneros representam os modos de agir; os discursos, os modos de representar; e os estilos, os modos de ser, resultando no que Fairclough (2003) prefere nomear de significados acionais, representacionais e identificacionais, respectivamente. Dessa forma, a fala e a escrita expressam parte das ações, gêneros representam diferentes maneiras de agir e os discursos são representações que permeiam todas essas práticas. Embora esses três aspectos do significado sejam analisados separadamente, na verdade eles mantêm entre si uma relação dialética, sendo que o sentido de um está imbuído nos demais. Por conseguinte, na relação dialética desses significados, discursos (significados representacionais) são realizados em gêneros (significados acionais), discursos (significados representacionais) são inculcados em estilos (significados identificacionais), ações e identidades (incluindo gêneros e estilos) são representados em discursos (significados representacionais) (FAIRCLOUGH, 2003, p.29).

Quadro 1: Recontextualização da LSF na ADC



Fonte: Ramalho e Resende (2006, p. 61)

Esses significados possuem categorias analíticas para a percepção textual, que são empregadas nesta pesquisa. Para o significado acional, destaca-se a intertextualidade, dela é necessário “começar observando que, para qualquer texto ou tipo de texto em particular, há um conjunto de outros textos e um conjunto de vozes potencialmente relevantes e potencialmente incorporadas no texto.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 47, tradução nossa)⁶. Essa noção deriva da concepção de dialogismo defendida por Bakhtin (2002), na qual um enunciado revela a presença de vários enunciados em seu interior. Sob o prisma da intertextualidade, é preciso perceber qual é a relação estabelecida entre as diversas vozes que estão articuladas nos textos. Além disso, é necessário igualmente compreender a relevância daquelas que foram excluídas, de modo que se tornam ausências significativas. Apesar da presença de diversas vozes, muitas vezes a abertura para todas elas não é favorecida, visto que uma permanece hegemônica e as demais são incluídas nos textos com o propósito de serem negadas (RAMALHO; RESENDE, 2006).

⁶ We can begin by noting that for any particular text or type of text, there is a set of other texts and a set of voices which are potentially relevant, and potentially incorporated into the text.

Além dessas considerações, a intertextualidade também pode vista como uma forma de recontextualização, isto é, o “movimento de um contexto para outro, implicando transformações particulares, decorrentes de como o material que é movido, recontextualizado, figura dentro desse novo contexto” Fairclough (2003, p. 51, tradução nossa)⁷. Assim, a percepção crítica do leitor se intensifica ao perceber que esse conceito de recontextualização, pensado por Bernstein (1990 apud FAIRCLOUGH, 2003), faz com que seja possível pensar como elementos de uma prática social podem ser usados em outras práticas sociais, a partir da mudança desses contextos.

Como os gêneros textuais estão diretamente associados ao significado acional, visto que materializam determinadas ações em forma de texto, é importante considerar, nesta análise, não somente a noção de gênero, mas aquilo que Fairclough (2003) nomeia de cadeias de gêneros. Em síntese, cadeias de gêneros “são gêneros diferentes que estão regularmente ligados entre si, envolvendo transformações sistemáticas do gênero” (FAIRCLOUGH, 2003, p.31, tradução nossa)⁸. Assim, determinado gênero relaciona-se a outros que lhe deram origem, tal gênero passa, posteriormente, por um processo de recontextualização, na qual novos contextos são criados ou modificados na construção de texto(s) diferente(s) (BESSA; SATO, 2018, p. 139). Portanto, há o desenrolar de uma cadeia: a partir de um gênero, surgem novos a ele atrelados, assim como outros, anteriormente disseminados, contribuíram para sua composição.

Na perspectiva do significado representacional, a interdiscursividade é uma de suas principais categorias de análise e representa a presença de diversos discursos nos textos, mais do que isso é a articulação desses discursos e a forma como são articulados (RAMALHO; RESENDE, 2006). Para Fairclough (2003, p. 124, tradução nossa)⁹ “discursos diferentes são diferentes perspectivas sobre o mundo”. Portanto, essa combinação de discursos está relacionada aos posicionamentos tomados pelos sujeitos nas suas relações com o mundo e com os demais sujeitos, demonstrando que a mudança de recursos discursivos revela noções diversificadas que variam desde relações de poder até o desejo de cooperação, transformação social e outros (BESSA; SATO, 2018). Vale salientar que as ligações estabelecidas por esses discursos se dão de formas distintas pelo fato de alguns reafirmarem ou negarem outros (RAMALHO; RESENDE, 2006). Para as autoras, é possível identificar um discurso em um texto a partir de duas perspectivas: identificando quais partes do mundo são representadas (os temas) e perceber sob qual prisma particular elas foram representadas. Uma das maneiras pelas quais esses aspectos particulares podem ser percebidos nos textos é por meio de elementos linguísticos. Fairclough (2003,

⁷ a movement from one context to another, entailing particular transformations consequent upon how the material that is moved, recontextualized, figures within that new context.

⁸ ‘Genre chains’ are of particular significance: these are different genres which are regularly linked together, involving systematic transformations from genre to genre.

⁹ Different discourses are different perspectives on the world

p.129, tradução nossa)¹⁰ argumenta que analisar o vocabulário é uma maneira de identificar as representações ao considerar que os “discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras particulares”.

Ainda no que concerne ao significado representacional, a representação dos atores sociais também é outro aspecto relevante, pois a forma como eles são representados nos textos desvelam posicionamentos ideológicos sobre o que esses sujeitos são e o que fazem, da mesma forma como essa agência pode ser evidenciada, pode ser também ocultada nos textos, dependendo de como ela é representada. Fairclough (2003) mostra determinadas maneiras pelas quais é possível observar a representação de atores sociais, demonstrando como são incluídos ou excluídos nos textos, a forma como são representados, ou ainda se atuam, são afetados ou se beneficiam em determinadas situações.

A representação dos atores sociais é relevante para o processo analítico por permitir identificar papéis, perceber em quais enquadres os (as) participantes estão posicionados nos textos; quais estão presentes e quais deveriam estar; discutir os possíveis efeitos das formas de representação, inclusive as que incluem atores nos textos e as que, de maneira explícita ou sub-reptícia, os “excluem”. (BESSA; SATO, 2018, p. 149)

As ações praticadas por esses atores sociais reverberam no próprio significado identificacional dos discursos, uma vez que tal significado está vinculado à definição de estilo. “Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RAMALHO; RESENDE, p.76, 2006). Tais práticas, desenvolvidas pelos atores sociais, neste estudo, estão diretamente voltadas para as avaliações que esses sujeitos fazem dos discursos disseminados nas práticas sociais com vistas à mudança social. Essas avaliações, por sua vez, são feitas de modo explicitamente marcado nos textos ou de forma implícita, através de presunções avaliativas. Essas percepções avaliativas desvelam, muitas vezes, o posicionamento ideológico dos indivíduos ativamente inseridos nas interações sociais.

Ideologia na perspectiva de Thompson

O conceito de ideologia é inicialmente proposto na França no final do século XVIII. No decorrer de variados momentos históricos, e mediante a contribuição de diferentes teóricos como Destutt de Tracy, Marx, Lenin e Lukács e Karl Mannheim, o termo foi ganhando distintas concepções. Thompson (2011) busca reunir essas diversificadas nuances com o propósito de reformular essa definição, objetivando acrescentar contribuições a algumas dessas percepções prévias e, por vezes, afastar-se de outras, como forma de construir sua concepção crítica de ideologia. Nela, a noção de ideologia está associada a critérios de negatividade, isto é, nessa visão, fenômenos considerados ideológicos são passíveis de crítica, já que as formas simbólicas estão ligadas às relações de poder. De outro modo, “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de

¹⁰ discourses ‘word’ or ‘lexicalize’ the world in particular ways

dominação” (THOMPSON, 2011, p.76). Portanto, esses fenômenos só serão ideológicos se servirem para constituir e sustentar relações de dominação.

Thompson considera muitas formas de dominação nas relações sociais, diferentemente de Marx que, em determinado momento, atribui como ideológica apenas a dominação de classe. Assim, estão igualmente no âmbito ideológico de Thompson “as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global” (THOMPSON, 2011, p. 78). Dominação, nessa acepção, é quando há relações assimétricas de poder, na medida em que um grupo detém esse poder de forma hegemônica, enquanto para outros grupos isso se torna inacessível.

Diante do propósito de reformulação do conceito de ideologia, Thompson (2011) considera que há diversos modos de como a ideologia pode atuar nas relações de dominação, como se observa na tabela abaixo. O autor frisa que, apesar de significativos, esses não são os únicos modos pelos quais a ideologia pode operar, nem que essas são as únicas estratégias associadas a tais modos.

Tabela 1: Modos de operação da ideologia

Modos Gerais	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandarização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson (2011, p. 81)

Dentre esses modos, destaca-se para o seguinte estudo as estratégias de fragmentação, por meio do expurgo do outro, e de reificação através da noção de naturalização. Conforme Thompson (2011), a

fragmentação também pode ser vista como a segregação de sujeitos e grupos que se caracterizam como desafio para aqueles que detêm o poder. Assim, todos os indivíduos que, de alguma forma, ameaçam a permanência das concepções ideológicas daqueles que se mantêm no poder devem permanecer separados e negados das práticas sociais. No interior dessa noção de fragmentação, pode-se caracterizar o expurgo do outro como a presença do inimigo que é construído e tratado como ameaçador, sendo necessário, portanto, uma força coletiva capaz de reagir e até de expurgá-lo.

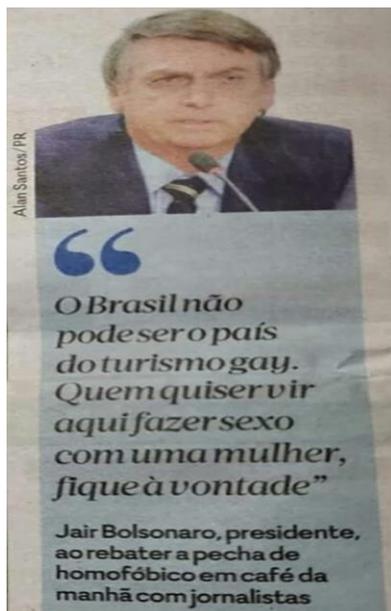
Outro modo de operação da ideologia é através da reificação: nela as formas de dominação são estabelecidas e sustentadas quando uma situação transitória, histórica torna-se permanente, natural e atemporal. Isso pode ser expresso através da naturalização, que se trata de enxergar algum aspecto social e histórico como consequência inevitável de características naturais, isto é, passa a ser tratado como um acontecimento natural. Assim sendo, certos discursos passam a ser vistos de forma naturalizada, muitas vezes, por terem se tornado consenso e por atenderem as demandas de grupos sociais privilegiados. Portanto, essas estratégias podem ser utilizadas como categorias analíticas, visto que colaboram para a compreensão das relações de poder estabelecidas socialmente.

Discursos machistas e homofóbicos: uma análise dos seus ecos nas redes sociais

A partir de uma entrevista coletiva concedida pelo atual Presidente da República, recentemente, no Palácio do Planalto, notícias (Cf. figura 1) foram divulgadas em jornais¹¹ e redes sociais sobre seu posicionamento adotado em relação à temática do turismo sexual no país. Uma das interpretações possíveis da fala do presidente é a de que o Brasil não pode ser paraíso para o turismo sexual relacionado aos homossexuais, uma vez que aqui há famílias, mas as mulheres brasileiras podem ser o alvo dessa exploração por estrangeiros. Com essa declaração, divulgada pela imprensa, muitos textos e comentários expuseram as críticas de usuários de redes sociais acerca do discurso proferido.

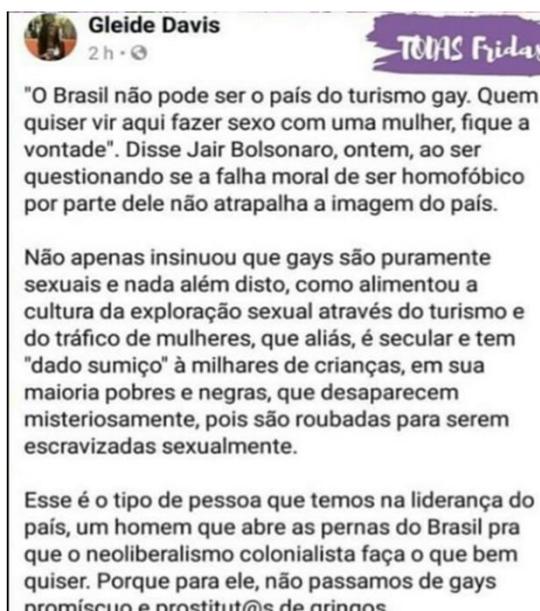
¹¹ Informação disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/04/25/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 27 abr. 2019.

Figura 1: Notícia (Turismo sexual)



Fonte: <https://bit.ly/2ITqkKY>

Figura 2: Comentário do Facebook



Fonte: <https://bit.ly/2ITqkKY>

Figura 3: Comentário do Facebook

Anos de lutas para que as mulheres brasileiras fossem respeitadas e não tratadas como prostitutas para estrangeiros. A autoridade máxima da nação solta uma pérola dessa.



5 compartilhamentos

Fonte: <https://bit.ly/2WgzwfF>

Figura 4: Anúncio Publicitário (Maranhão)



Fonte: <https://bit.ly/2UK3arU>

Figura 5: Anúncio Publicitário (RN)



Fonte: <https://bit.ly/2VDNWcK>

Figura 6: Anúncio publicitário (Pernambuco)



Fonte: <https://bit.ly/2PFQ2D1>

Figura 7: Anúncio Publicitário (Piauí)



Fonte: <https://bit.ly/2DC6nEb>

Como é possível observar, a repercussão dessa entrevista no país é a de que fica bem marcado um discurso machista – que se caracteriza quando há uma dupla moral – uma recusa da igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais – e um discurso homofóbico – que é marcado pela aversão, ódio ou preconceito nutrido contra homossexuais, bissexuais e transexuais. A disseminação dessa afirmação, expressa pelo presidente, acontece mediante a divulgação de textos que se encadeiam dentro de uma rede de práticas sociais. Nessa perspectiva, percebemos que, por meio de uma “cadeia de gêneros” (FAIRCLOUGH, 2003), a qual se inicia através de uma entrevista realizada, desencadeiam-se notícias divulgadas nas mídias impressas (Cf. figura 1), audiovisuais ou digitais e delas surgem os respectivos comentários dos sujeitos (Cf. figuras 2 e 3), que se utilizam dos espaços públicos das redes sociais, como o Facebook, para expor e discutir seus posicionamentos. Como consequência da repercussão suscitada pelas notícias difundidas e pelos respectivos comentários resultantes delas, outros gêneros vão surgindo nessas mídias como forma de reafirmar ou negar os discursos anteriormente veiculados. No caso das postagens analisadas, identificamos que os anúncios publicitários (Cf. 4, 5 6 e 7) cumprem essa função, haja vista divulgarem uma posição assumida em âmbito mais amplo, já que simbolizam não apenas a opinião de um sujeito, mas de um grupo de cidadãos representados pela força de seu estado e do seu governo.

Os anúncios publicitários dos governos – ditos como institucionais - apresentam de forma explícita a resistência aos discursos que pretendem se manter hegemônicos. Conforme Fairclough (2003, p. 58) “buscar hegemonia é uma questão de buscar universalizar significados particulares a serviço da obtenção e manutenção de dominação, e isso é trabalho ideológico.”. Dessa maneira, no intuito de sustentar as desigualdades e manter a dominação daqueles que estão no poder, determinadas concepções ideológicas são impostas e trabalhadas para que se tornem legítimas e consensuais no interior de determinados grupos sociais.

No entanto, discursos antagônicos também se articulam e contestam a tentativa de naturalização de tais discursos dominantes (THOMPSON, 2011) em defesa das mudanças sociais, daí a importância de mostrar que os pernambucanos, os potiguares, os maranhenses e os piauienses representam a força de grupos que não contribuem para a estabilização, mesmo que transitória, dos interesses de alguns que objetivam preservar as relações assimétricas de poder.

Nessa perspectiva, a ação dos atores sociais se revela de forma significativa nessas publicidades, visto que a inclusão dessa atuação nos textos provoca um maior respaldo na sociedade ao mostrar que, aos poucos, o país refuta determinados posicionamentos ideológicos, ao passo que afetam os direitos e a dignidade de algumas parcelas da sociedade, alvo de discriminação.

A percepção crítica dos cidadãos e a própria atitude de refutar discursos de preconceito se acentuam pela compreensão que eles têm de outras leituras realizadas, ou seja, através da intertextualidade, como mostra o comentário (figura 2), que retoma os índices e outras publicações referentes aos crimes cometidos contra mulheres e até crianças, sobretudo negras e pobres, ao serem sexualmente escravizadas. Além disso, os cidadãos recuperam igualmente as leituras históricas (Cf. figura 3) que comprovam as conquistas e os espaços que, ao longo do tempo, as mulheres foram galgando rumo ao reconhecimento de seus direitos, os quais, no entanto, por vezes, são ridicularizados, desrespeitados e até violados.

Ademais, os sujeitos lutam por um posicionamento de resistência a tais discursos dominantes por enxergarem os diversos outros discursos que se encontram entrelaçados a eles, os quais são ativados na memória do sujeito crítico, dentre eles destacam-se os discursos de impunidade, da violência, da segregação, da desvalorização e outros. Assim, contribuir para a manutenção de visões machistas e homofóbicas pode corroborar não somente um processo de naturalização dessas concepções, tornando-as verdadeiras, legítimas e irrefutáveis, mas também ocasionam a naturalização ideológica (THOMPSON, 2011) de uma rede de outros discursos que tencionam provocar mais malefícios à sociedade.

A sustentação e o estabelecimento de formas de dominação nesses posicionamentos machistas e homofóbicos em questão, se dão pela tentativa de anulação de grupos sociais específicos. Em outras palavras, há a tentativa de expurgo do outro (THOMPSON, 2011) como uma maneira de fazer com que essa separação de parcelas da sociedade seja vista como necessária. Isso acontece porque os traços que distinguem essas pessoas das demais podem, dentro de algumas perspectivas, constituir uma ameaça ao grupo social mais amplo. De forma velada, isso caracteriza, dentre outras possibilidades, o esforço, daqueles que detêm o poder, pela eliminação de forças que se impulsionam contra os discursos que lutam para se tornarem hegemônicos. Essa busca por hegemonia requer um processo de adesão coletiva, o que demanda um estado de naturalização e unificação dos propósitos de alguns em relação ao todo. Tal proposta de unificação, portanto, amplia as desigualdades por meio da massificação de interesses particulares.

Desnudar os posicionamentos ideológicos, através da representação dos atores sociais em seus discursos, contribui para estimular o processo de resistência. Por isso, a atribuição da postura promíscua dada aos homossexuais e às mulheres revela uma rede ramificada de diversas concepções acerca do papel desempenhado por esses grupos na sociedade. Sendo assim, a função feminina, em seu meio social, reduz-se a sua sexualidade, a mulher torna-se um simples objeto de consumo, as funções desempenhadas por elas se revelam como falsas conquistas, de modo que o resultado de sua atuação não apontam para outros caminhos que não os de satisfazer os interesses masculinos. Do mesmo modo, os homossexuais são vistos somente como símbolo de promiscuidade, de afronta aos valores sociais considerados legítimos e que, portanto, esse grupo não representa o país, nem mesmo sob a condição de prostituição.

A identidade dos sujeitos se projeta diante do modo como eles expõem suas opiniões, assim como a maneira com que constroem a identidades dos demais indivíduos. Nessa esteira, é possível perceber os significados identificacionais (FAIRCLOUGH, 2003) dos discursos do presidente (Cf. figura 1) ao advogar em defesa de determinadas posições e de como formula a identidade da mulher e dos homossexuais no cenário nacional e internacional. Em contraposição, os grupos de resistência propõem uma construção identitária contrária ao manifestarem opiniões de repúdio ao preconceito, como se vê pela recorrência do “Não” nessas publicações dos usuários das redes sociais. Além disso, incentivam uma visão mais positiva da mulher, mediante a desconstrução dessa ideologia de desvalorização feminina, através de uma proposta de mudança social que vise ao necessário respeito à mulher brasileira.

Considerações finais

Diante dos diversos discursos que fortalecem concepções preconceituosas, constantemente disseminados nas práticas sociais, investigamos como os posicionamentos são manifestados a partir da divulgação de discursos machistas e homofóbicos através das interações estabelecidas nas redes sociais. A polêmica ocasionada por algumas temáticas sociais, a forma como são apresentadas aos cidadãos e até os sujeitos que contribuem para difundir determinadas problemáticas, são fatores que estimulam a atuação dos usuários da internet a expressarem seus pontos de vista nos espaços públicos dos ambientes digitais.

Diante do que foi possível observar, as redes sociais transmitem à sociedade a repercussão daquilo que acontece em várias esferas e em distintos ambientes da vida social. Isso acontece por se caracterizarem como espaços onde as pessoas podem expor suas opiniões, além de constituir um meio em que elas são ouvidas socialmente. Em consonância com as possibilidades oferecidas, mais especificamente pelo Facebook, observamos que ocorreu um processo gradual de passagem de um determinado gênero textual para outros em busca de alcançar o objetivo de combate à manifestações ideológicas machistas e homofóbicas. Assim, por meio de uma entrevista realizada com o presidente da república, uma notícia foi divulgada nos jornais e ambientes digitais, em seguida surgiram os comentários

atrelados a ela e, por fim, o gênero anúncio publicitário que, de forma bastante explícita, incentiva, com seu caráter persuasivo, a contestação de tais discursos discriminatórios.

A análise dos discursos que emanam dos textos coletados, dos aspectos intertextuais percebidos, da atuação dos atores sociais e de suas construções identitárias proporcionaram uma percepção dos posicionamentos assumidos nas publicações avaliadas. Através disso, foi possível compreender que, apesar da presença de discursos preconceituosos, que pretendem estabelecer e sustentar relações de dominação, eles são negados e contestados por uma considerável parcela da sociedade que almeja mudanças sociais.

Referências

BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. [org.] **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London/New York: Routledge, 2003.

GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, J; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas o que temos de aprender?** 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RECUERO, R. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, J; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas o que temos de aprender?** 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

VIEIRA, J. A; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. [org.] **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.